

SUFIXO *-ISMO*, OU *-MÓS*?
A CONTRADIÇÃO EXISTENTE ENTRE
A GRAMÁTICA GREGA E A PORTUGUESA
A RESPEITO DA ORIGEM DO SUFIXO *-ISMO*,
E UMA ANÁLISE DA SUA PRODUTIVIDADE
NOS DIAS HODIERNOS

Vanderlei Gianastacio (USP)
vg30242@gmail.com

RESUMO

O objetivo desse artigo é demonstrar a origem do sufixo, bem como sua produtividade, a partir de Houaiss. O sufixo *-ismo* foi bem explorado na formação de novas palavras língua portuguesa, no período do Iluminismo. O Grupo de Pesquisa Morfologia Histórica do Português, coordenado pelo professor Dr. Mário Eduardo Viaro, da Universidade de São Paulo (USP), observou que no século XVI, não havia dez mil vocábulos com *-ismo* no léxico português, segundo a datação de Antonio Houaiss. O Dr. Zwinglio O. Guimarães Filho e o graduando Leandro Mariano, participante do Grupo de Morfologia de Histórica do Português (GMHP), utilizando o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* como *corpus*, selecionou os verbetes terminados em *-ismo* e demonstraram, de forma cronológica, as datas que os vocábulos com esse sufixo entraram para o léxico português. Com essa seleção e outras pesquisas, foi possível analisar a origem desse sufixo e sua produtividade, notaram-se também algumas diferenças do que são apresentadas pelas gramáticas de língua portuguesa acerca das características do *-ismo*.

Palavras-chave: Sufixo *-ismo*. Sufixo *-mós*. Gramática. Léxico da língua portuguesa

Nas gramáticas de língua portuguesa atuais, encontra-se a afirmação que o sufixo *-ismo* tem sua origem na língua grega. Assim, podem-se observar, entre outras gramáticas, algumas delas que trazem essa explicação. Na gramática de Bueno (1956, p. 103), o sufixo *-ismo* é apresentado com sua origem na língua grega. O autor exemplifica essa formação com o vocábulo “brasileirismo”. Em outra gramática, a de Cuesta e Luz (1971, p. 177), os sufixos “de procedencia grega son [...] *-ismo*: *clasicismo*, ‘clasicismo’”²³ (CUESTA & LUZ, 1971, p. 177). Já na gramática de Torres (1973, p. 53), o sufixo *-ismo* aparece dentro do subtítulo *alguns sufixos oriundos do grego*. Após explicar que esse sufixo está relacionado com doença, crença, escola, origem, sistema, afecção, estado e profis-

²³ “de origem grega são [...] *-ismo*: *classicismo*, ‘classicismo’” (tradução nossa).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

são, o autor apresenta os seguintes vocábulos como exemplo, “reumatismo, romantismo, positivismo, latinismo, jornalismo, alcoolismo,” (TORRES, 1973, p. 53).

Na gramática da língua portuguesa de Cegalla, o autor afirma que “os sufixos seguintes são de proveniência grega. *-ia, -ismo* formam substantivos que traduzem ciência, escola, sistema político ou religioso” (CEGALLA, 2005, p. 104). Os exemplos de vocábulos formados com o sufixo *-ismo* apresentados nessa obra são, “catolicismo”, “socialismo”, “romantismo” e “modernismo”.

Ao analisar as gramáticas de língua portuguesa na história, a partir da obra de Simão Cardoso, *Historiografia Gramatical (1500 - 1920)*, observou-se, quando o sufixo *-ismo* apareceu pela primeira vez nas gramáticas de língua portuguesa. Esse fato ocorreu com a gramática de Júlio Ribeiro, editada sob influência de filólogos franceses, alemães e ingleses. Assim, essa obra, que parece ter sido produzida sob a influência de ideias estrangeiras, colaborou para alterar o estilo das gramáticas portuguesas que vinham sendo produzidas até então (ROCHA, 2006). Em 1881, é publicada, “na cidade de Capivari, a Gramática Portuguesa, introduzindo novidades aos métodos já apresentados por mestres europeus” (*Enciclopédia*, 2007).

Professor de língua portuguesa e de retórica, no Instituto de Instrução Secundária, em Salvador, e depois, em Campinas, Júlio Ribeiro “foi escritor, seguidor de Émile Zola, e, pela repercussão de seus romances, foi membro da Academia Brasileira de Letras” (LEITE, 2007, p. 01). Acerca desse momento, Cavaliere faz a seguinte afirmação:

Os novos ares nacionalistas que inspiraram, sobretudo, as áreas provinciais do país conferem o clima propício para surgimento de textos sobre a língua vernácula, de índole flagrantemente normativa, cujo uso nas aulas de Retórica e Língua Portuguesa foi-se massificando até o início da segunda metade do século, quando o país assiste a clara mudança de rumos no fluxo dos estudos sobre a língua com a publicação da Gramática portuguesa de Júlio Ribeiro. (CAVALIERE, 2007)

A cultura no Brasil foi fortalecida pela transferência da Corte de Portugal para terras brasileiras, como também pela proclamação da independência, afirma Cavaliere. O novo ambiente no Brasil colaborava para o desenvolvimento da escrita, e a produção de gramáticas nesse período estava relacionada com a capacitação dos que moravam no Brasil, a fim de esses expressassem como “uma nova civilização consciente e ciosa dos valores culturais importados da Europa por uma sociedade emergente

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

e intelectualmente necessitada de afirmação” (CAVALIERE, 2007). É nesse momento que a *Grammatica portugueza* de Júlio Ribeiro é editada.

No início dessa obra de Ribeiro, encontra-se a primeira parte intitulada *Lexeologia*. Esta está localizada no Livro Segundo, *Elementos morpicos da palavra*, na secção terceira, denominada *Etymologia*. Numa subdivisão com o título *Substantivos derivados: palavras da língua portuguesa*, no momento em que trata dos *Affixos*, Ribeiro propõem que os sufixos são derivados das formas latinas, pejorativas, aumentativas e diminutivas. O *-ismo* é classificado dentro dos sufixos que se juntam ao radical de substantivos. Esse sufixo “designa a generalização do significado do substantivo primitivo, ex.: *Heroísmo, khristianismo, materialismo, organismo, positivismo, transformismo*” (RIBEIRO, 1914, p. 149).

Em sua abordagem acerca dos sufixos Ribeiro escreve que esses “são numerosos, uns derivados das fórmulas latinas, outros das fórmulas aumentativas, diminutivas e pejorativas do gênio da língua” (1914, p. 153). Os sufixos destacados por ele são os que se juntam ao radical de substantivos: *-aço, -ada, -ade, -ado, -al, -agem, -ão, -aria, -ato, -dura, -edo, -eda, -eiro, -ena, -essa, -eza, -iza, -ia, -io, -ismo, -ista, -mento e -ume*. Isso demonstra como Ribeiro já não estava mais preso à mesma filosofia de gramática que existia na época de Fernão de Oliveira e de João de Barros, pois tinha conseguido se adaptar à nova vertente gramatical que prevalecia em sua época. A produção de vocábulos com o sufixo *-ismo* no século XIX, pode ter colaborado com a percepção que Júlio Ribeiro teve da relevância desse sufixo, explicando-o melhor em sua gramática. Independente do caráter didático, Ribeiro apresentou os fatos da língua de uma forma mais fácil, mesmo assim, o autor não informa a origem do sufixo *-ismo* na língua grega, apenas diz que os sufixos são derivados das formas latinas (RIBEIRO, 1914, p. 149).

Maciel (1887, p. 443) faz a seguinte afirmação de Júlio Ribeiro, na terceira edição de sua gramática, no texto intitulado *Breve retrospecto sobre o ensino da Língua Portuguesa*:

baseada nos trabalhos dos philologos allemães, inglezes e francezes (...) o que se nos afigura é que se apressurou o Sr. Julio Ribeiro a de chofre quebrar a rotina, fosse como fosse, embora ainda não houvesse assimilado o quanto lera nos philologos estrangeiros. Entretanto, remanesce-lhe de certo o mérito de haver sido o primeiro a trasladar para compendio didactivo a nova orientação, evertendo os alicerces da rotina e servindo de norma par algumas Grammaticas que se publicaram em São Paulo. Nestas condições, o que se averigua é que por esta época já muitos professores que se norteavam pelos philologos, iam evangelizando, quer na docencia particular, quer em publicações esparsas,

A obra de Ribeiro consiste em uma introdução, lexeologia, sintaxe, aditamento e anexos. No momento da história em que sua obra foi escrita, “o centro da pesquisa é, na metade do século XIX, a palavra, entendendo-se o porquê da divisão não ser mais prosódia, etimologia, sintaxe e ortografia” (FÁVERO & MOLINA, 2006, p. 131). Para Ribeiro, as palavras devem ser consideradas de forma isolada, tanto em seus elementos materiais ou sons, como em seus elementos mórficos ou formas.

A gramática de Maciel (1887), intitulada *Grammatica analytica baseada nas doutrinas modernas*. O estudo acerca dos sufixos é encontrado na primeira edição, intitulado *Suffixos Nominativos*. O autor entende que esses sufixos “são aquelles que se junctam aos radicaes nominaes ou verbaes para formarem substantivos” (1887, p. 54). Após apresentar uma lista de sufixos, o autor explica que o *-ismo* abrange significados diversos na formação de palavras. São eles: “(crença religiosa) catholi *-cismo*, christian *-ismo*, calvin *-ismo* (seita partidaria) panthe *-ismo*, espirit *-ismo*, celtic *-ismo*. (costume, uso, modo) lusitan *-ismo*, britan *-ismo*, archa *-ismo*. (propriedade) fulgent *-ismo*, brilhant *-ismo*, dimorph *-ismo*” (1887, p. 57). Há a possibilidade de no vocábulo “catholi *-cismo*”, ter ocorrido um erro de grafia, visto que o sufixo é *-ismo* e não *-cismo*. Os vocábulos *celticismo* e *fulgentismo* não foram encontrados no *Dicionário de Língua Portuguesa de Antônio Houaiss*. Apenas *celticismo* foi encontrado no dicionário Aulete Digital (2009), com a seguinte acepção: “características célticas, influência céltica, inclinação para o estudo da civilização celta”.

Na terceira edição, ao iniciar a parte II, Maciel afirma que o sufixo *-ismo* aparece como resultado de “actividade, isto é, os que se aglutinam ao thema e dão ideia de acção exercida” (1887, p. 85). Essa forma de conceituar o sufixo *-ismo* lembra o *-mós* na língua grega, que era utilizado para formar substantivos de ação.

Outro gramático que faz uma exposição acerca dos sufixos é João Ribeiro, em 1889. A sua exposição acerca do sufixo *-ismo* é diferentes dos demais autores que abordaram o mesmo assunto antes e depois dele. Ribeiro afirma que o sufixo *-ismo* tem sua origem nos “verbos gregos em *-izo*” (RIBEIRO, 1914, p. 149). Os vocábulos que exemplificam o uso desse sufixo são: *despotismo*, *materialismo*, *espiritualismo*, *jornalismo*, *absenteismo*. Diferente dos demais gramáticos, até mesmo dos gramáticos atuais, Ribeiro explica que o sufixo *-ismo*, está relacionado com ter-

minação *-izo* na língua grega. Segundo Robertson (1919, p. 146), os vocábulos na língua grega que terminam em *-mós* expressam ação. Ele entende que o “grego é rico nestes sufixos formativos, que são mais ou mais menos populares em vários períodos da língua. Os sufixos no grego são bem semelhantes àqueles no Sânscrito antigo”²⁴ (ROBERTSON, 1919, p. 146).

Além desta posição a respeito do sufixo *-ismo*, no grego, defendida por Robertson, Carvalho Luz (1919, p. 37), em seu manual de língua grega, explica que a terminação *-mós* assinala ação: “*-μός: κλαυθ-μός*, pranto, choro, de *κλαίω* – eu choro, raiz *κλαφ*” (LUZ, 1919, p. 37).

Nota-se que o verbo *διώκω* – *perseguir* – não usa a letra sigma σ , no presente do indicativo médio, *δεδίωμαι* – *prossigo* – mesmo sendo um verbo de ação. O futuro do indicativo deste verbo, com a raiz *διωκ-*, torna-se *διώξω*. A letra que foi acrescentada é a ξ (xi). Isto ocorre, porque os verbos que possuem as “raízes em κ , γ ou χ , unindo-se com o σ , formam o ξ ; isto é, $\kappa + \sigma = \xi$; $\gamma + \sigma = \xi$; $\chi + \sigma = \xi$ ” (TAYLOR 1986, p. 76). Para formar o substantivo *perseguição*, acrescenta-se à raiz do verbo, o sufixo *-μός*, transformando-o no substantivo *διωγμός*. Dessa forma, observa-se que esse substantivo deverbal não utilizou o σ (sigma) antes do sufixo *-mós*, em grego *-μός*.

Já, o verbo *βαπτίζω* – *imerso, mergulho*, tem como raiz *βαπτιδ-*. Na língua grega, para a formação do futuro de um verbo, algumas terminações de raiz transformam-se em sigma σ . Por exemplo: as “linguodentais τ , δ , $\theta + \sigma = \sigma$ ” (TAYLOR, 1986, p. 76). Por esse motivo o verbo *βαπτίζω*, no futuro, torna-se *βαπτίσω*. Quando esse verbo é transformado em substantivo, o σ (sigma) permanece antes do sufixo *-μός*, tornando-se em *βαπτισμός*, que é o ato da imersão.

Por isso, há um equívoco nas gramáticas de língua portuguesa, ao afirmarem que o sufixo *-ismo*, ou *-ismós* tem origem na língua grega. Não se encontra o sufixo *-ismo*, ou *-ismós* nas gramáticas gregas, e sim, o *-mós*. Pode-se notar que para a formação dos substantivos de ação no grego, recorria-se ao futuro dos verbos que apresentavam em sua raízes as terminações linguodentais τ , δ , θ como exposta por Taylor (1986, p. 76). Foi por causa dos empréstimos que vocábulos terminados em *-mós*

²⁴ “the Greek is rich in these formative suffixes, which are more or less popular at various periods of the language. The suffixes in the Greek are quite similar to those in the older Sanskrit.” (*tradução nossa*)

entraram para o léxico latino, utilizando as letras *i* e *s* antes do *-mós*, resultando no latim a terminação *-ismus*, que tornou-se *-ismo* no português.

Além de Robertson e Taylor, Pharies explica que o sufixo *-ismo* também é produtivo na língua espanhola e tem sua origem na língua grega. Por empréstimo, passou a ser utilizado na língua latina (PHARIES, 2002, p. 356). Esse autor afirma que a língua latina aceitou, em seu léxico, mais trinta vocábulos oriundos da língua grega, terminados por *-ismós*. Esses vocábulos, em geral, passaram para o latim com os seus verbos correspondentes *-izo*, por exemplo, *catēchismus -ī / catēchizos*, *christiānismus -ī / christiānizō*, *exorcismus -ī / exorcizō*. Em alguns vocábulos que passaram do grego para o latim, formados com a terminação *-mós*, nem sempre o verbo correspondente ao substantivo na língua grega também entrou para o léxico latino. Como exemplo, é o caso de *barbarismus*, pois o latim não recebeu do grego o verbo *barbarizo*, (comportar-se como um bárbaro). “Em outras palavras, o latim absorve o sufixo *-ισμός*, mas não adota a regra gramatical que regia seu uso no grego”²⁵ (PHARIES, 2002, p. 356).

Mesmo assim, com todo esse histórico da trajetória da língua latina, o sufixo *-ismo*, independentemente de ele ser compreendido como sufixo, ou não, na língua latina, chegou até a língua portuguesa. Furlan afirma que “quase todos os sufixos latinos derivaram para o português, embora com alterações. O registro da incidência da tônica serve de parâmetro para os vocábulos congêneres” (FURLAN, 2006, p. 152). Inicialmente, o sufixo *-ismus*, lembra Maurer Jr. (1951, p. 09), foi introduzido no latim cristão, como *christianismus* (*χριστιανισμός*) e *Judaismus*. Cedo, o sufixo *-ismus* aparece no latim, como *paganismus*.

Além de o sufixo *-ismo* ter origem no grego *-mós*, percebe-se também, nas gramáticas de língua portuguesa, que sua produtividade fica limitada apenas a algumas áreas. Observando-se a parte de morfologia, derivação sufixal, nas gramáticas de língua portuguesa, percebe-se que o sufixo *-ismo* aparece como aquele que forma terminologia científica, como “reumatismo” e “daltonismo”; ou modo de pensar, de proceder, como “servilismo” e “heroísmo”; ou estilo peculiar de um determinado idioma, como “galicismo”; ou doutrinas religiosas, escolas filosóficas, e sistemas artísticos e políticos como, “budismo”, “kantismo”, “realismo” e “fas-

²⁵ “En otras palabras, el latín absorbe el sufijo *-ισμός* pero no adopta la regla gramatical que rige su uso en griego” *Tradução nossa*.

cismo” (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 97).

Ao analisar o léxico no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, percebe-se que sua produtividade abrange outras áreas não mencionadas pelas gramáticas. Mesmo na área religiosa, que geralmente o sufixo *-ismo* é conhecido apenas como formador de doutrina, como “protestantismo”, *doutrina* do protestante; ou “calvinismo”, *doutrina* de Calvino, percebeu-se também o uso do *-ismo* para designar *período* religioso. O vocábulo “vedismo”, por exemplo, é o *período* religioso em que se praticaram os rituais escritos nos sagrados Vedas.

Outro conceito na área religiosa é encontrado no vocábulo “clericalismo”. Nesse caso, não significa a doutrina do clero, e sim o *poder* do clero, sendo a palavra formada do adjetivo *clerical* + *ismo*.

A palavra “evangelismo”, que surge na língua portuguesa por empréstimo do inglês, *evangelism*, adquiriu o conceito de proclamação, propagação, ou pregação do evangelho, deixando de ser, nos discursos dos líderes religiosos, a doutrina dos evangelhos. A palavra *magismo* não demonstra doutrina religiosa da magia, apenas o exercício desta.

Há também no meio religioso, outros dois exemplos de vocábulos formados com o sufixo *-ismo*, sem estar relacionado com doutrina religiosa. Um deles é o vocábulo *angelismo*. Nesse caso, não é a doutrina dos anjos, e sim a do desejo de alguém ser igual a um anjo. Algo semelhante acontece com a palavra *proselitismo*. Não há linha doutrinária que conceitue *proselitismo*, pois esse vocábulo denota o esforço do “proselito” levar outra pessoa para sua própria religião.

Entre muitas outras áreas, poder-se-ia considerar a política. Um vocábulo de exemplo nessa área é “adesão”. *Peemedebismo*, por exemplo, é conceituado, no Houaiss, como *adesão* ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (*P.M.D.B.*). Na filosofia, a palavra “adesão” foi encontrada em *spenglerianismo*, como a *adesão* à teoria de Oswald Spengler.

Sendo assim, percebe-se que o sufixo *-ismo* não é encontrado nas gramáticas gregas, e sim o sufixo ou terminação *-mós* e além de formar escolas, filosóficas, doutrinas religiosas e políticas, ele também abrange outras áreas da sociedade e do comportamento humano.

AULETE, Idicionário. Disponível em:

<http://www.aulete.portaldapalavra.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=loadVerbete&palavra=mourismo> Acesso em: 11 mar. 2009.

BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática normativa da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1956.

CAVALIERE, Ricardo. *A corrente racionalista da gramática brasileira no século XIX*. Disponível em: <<http://.ailp->

[du.org/Resumos_Congr/A%20corrente%20racionalista%20da%20gramatica.doc](http://.ailp-edu.org/Resumos_Congr/A%20corrente%20racionalista%20da%20gramatica.doc)> Acesso em: 16 dez. 2007.

CAVALIERE, Ricardo. *A corrente racionalista da gramática brasileira no século XIX*. Disponível em: <<http://www.ailp->

[du.org/Resumos_Congr/A%20corrente%20racionalista%20da%20gramatica.doc](http://www.ailp-edu.org/Resumos_Congr/A%20corrente%20racionalista%20da%20gramatica.doc)> Acesso em: 16 dez. 2007.

CARDOSO, Simão. *Historiografia gramatical: (1500-1920) língua portuguesa-autores portugueses*. Porto: Faculdade de Letras do Porto, 1994.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2005.

CUESTA, Pilar Vázquez; LUZ, Maria Albertina Mendes. *Gramática portuguesa*. Tercera edición. Madrid: Gredos, 1971.

CUNHA, Celso; CINTRA Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ENCICLOPÉDIA, Sorocabana. Disponível em:

<www.sorocaba.com.br/enciclopedia/ler.shtml?1092549567> Acesso em: 16 dez. 2007.

FÁVERO, Leonor Lopes & MOLINA, Márcia A. G. *As concepções linguísticas no século XIX: a gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

FURLAN, Oswaldo Antônio. *Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 2006.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

LEITE, Marli Quadros. *O nascimento da gramática portuguesa*. São Paulo: Paulistana & Humanitas, 2007.

LUZ, Waldyr Carvalho. *Manual de língua grega*. São Paulo: Casa Presbiteriana, 1991.

MACIEL, Dr. Maximino de Araujo. *Grammatica analytica baseada nas doutrinas modernas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Typ. Central, de Evaristo Rodrigues da Costa, 1887.

RIBEIRO, Júlio. *Gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1914.

PHARIES, David. *Diccionario etimológico de los sufijos españoles y de otros elementos finales*. Madrid: Gredos, 2002.

ROBERTSON, A. T. *A grammar of the greek New Testament in the light of historical research*. Nova Iorque: Hodder & Stoughton, 1919.

ROCHA, Jr. Roosevelt Araújo. (2007) *João Ribeiro entre história, gramática e filosofia*. Disponível em:

<<http://www.filologia.org.br/revista/36/06.htm>> Acesso em: 15 mar. 08.

TAYLOR, William Carey. *Introdução ao estudo do Novo Testamento grego*. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações – JUPER, 1986.

TÔRRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1973.